



Novos Cadernos NAEA

v. 27, n. 1 • jan-abr. 2024 • ISSN 1516-6481/2179-7536



## RESENHA

BOLLE, WILLI. **BOCA DO AMAZONAS: SOCIEDADE E CULTURA EM DALCÍDIO JURANDIR**. SÃO PAULO: EDIÇÕES SESC SÃO PAULO, 2019. 352 P.

**Saint-Clair Cordeiro da Trindade Júnior**    
Universidade Federal do Pará (UFPA), Belém, PA, Brasil

**Gabriel Carvalho da Silva Leite**    
Universidade Federal do Pará (UFPA), Belém, PA, Brasil

## BOCA DO AMAZONAS: O EXTREMO NORTE DE UMA TOPOGRAFIA SOCIOCULTURAL DO BRASIL

### 1 À GUISA DE INTRODUÇÃO

Com a publicação, no ano de 2019, de *Boca do Amazonas: sociedade e cultura em Dalcídio Jurandir*, último volume da trilogia iniciada com *Fisiognomia da metrópole moderna: representação da história em Walter Benjamin* (Bolle, 1994) e continuada com *grandesertão.br: o romance de formação do Brasil* (Bolle, 2004), o professor e crítico literário Stefan Wilhelm Bolle, conhecido como Willi Bolle<sup>1</sup>, encerra aquele que foi seu principal projeto de pesquisa ao longo de mais de duas décadas, a saber, a elaboração de uma topografia cultural do Brasil, partindo da metrópole/megacidade paulistana, através do sertão, até a Amazônia (Bolle, 2022).

Para retratar essa última região, que foi famosamente enunciada como estando “à margem da história” do Brasil (Cunha, [1909] 1999), Bolle optou pela obra de um autor também à margem – nesse caso, do cânone literário nacional –, Dalcídio Jurandir (Ponta de Pedras-PA, 1909 – Rio de Janeiro-RJ, 1979), cujo “ciclo do extremo norte”, composto por dez romances, apresenta, com amplitude e profundidade ímpares, a história cotidiana e a cultura da Amazônia.

Ilustrado pelo conceito bakhtiniano de cronotopo, que se refere à indissociabilidade fundamental entre as relações temporais e espaciais, artisticamente assimiladas em literatura (Bakhtin, 2018), Willi Bolle interpreta o ciclo romanesco dalcidiano como um *roman-fleuve*, noção que, sob essa ótica, não se restringe à acepção metafórica originalmente empregada por Romain Rolland – qual seja, a de um romance em série que acompanha, ao longo de gerações, a trajetória de um indivíduo ou grupo familiar –, expressando também um sentido literal, o de ser uma obra “[...] que tem como eixo topográfico o sistema fluvial do maior rio do mundo” (p. 15).

<sup>1</sup> Nascido na Alemanha, em 1944, e radicado no Brasil, onde esteve pela primeira vez em 1966, Willi Bolle é Doutor em Literatura Brasileira (1971) pela Ruhr-Universität Bochum (RUB) e Professor Titular Sênior de Literatura na Universidade de São Paulo (USP), instituição na qual obteve os títulos de Licenciado em Letras (1968) e Livre-Docente em Literatura Alemã (1984). Também é ator formado pela Escola de Arte Dramática da USP e foi Professor Convidado na Stanford University, na Freie Universität Berlin (FU Berlin), na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e no Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA) da Universidade Federal do Pará (UFPA) (Plataforma Lattes, 2023).

Esse método de interpretação, sensível ao que, na Geografia Humana contemporânea (Sposito, 2018), tem-se designado de espacialidades e temporalidades, orienta, também, o método de exposição empregado no livro em comento. Assim, após uma introdução e um capítulo inicial sobre o processo de criação e de recepção do “romance fluvial” de Dalcídio Jurandir, seguem-se quatro partes, cada qual correspondente a um dos cenários em que se passa o enredo; espaços esses integrantes de uma região cultural, a embocadura (“boca”) do Rio Amazonas, que é tributária de todos os períodos fundamentais da história pós-colombiana da Amazônia, recorrentemente referenciados e aludidos ao longo do ciclo romanesco, ambientado, por sua vez, na década de 1920, em plena fase de declínio e crise da economia da borracha.

## 2 A SÍNTESE DE UMA VIDA REGIONAL RURAL E URBANA (GEO) GRAFADA E DATADA

A obra pode ser sintetizada, assim, a partir daqueles quatro cenários mencionados. O primeiro deles é a Ilha do Marajó, que Willi Bolle considera ser uma síntese da Amazônia, e que ambienta os três romances iniciais analisados pelo autor, a saber: *Chove nos campos de Cachoeira* (Jurandir, [1941] 2019a), *Marajó* (Jurandir, [1947] 2008) e *Três casas e um rio* (Jurandir, [1958] 2018a). Nesse cenário, introduz-se o leitor, com base em seu autor de referência, no ambiente típico do interior amazônico ribeirinho, onde o personagem central das obras de Dalcídio Jurandir, Alfredo (filho de pai branco letrado e de mãe preta, doméstica e semianalfabeta), é devidamente contextualizado ainda menino.

A ambientação no Marajó revela a natureza e a vida cotidiana do interior amazônico, assim como suas estruturas neocoloniais apresentadas por Dalcídio Jurandir em suas obras; mas, ao mesmo tempo, situa este autor em suas relações e atuações sociais e políticas e contatos literários e acadêmicos que o levaram a estabelecer um excelente retrato etnográfico e sociológico da vida amazônica.

No cenário marajoara, mais que uma micro-história, Bolle nos apresenta uma geografia e uma socioantropologia onde se têm personagens devidamente situados em camadas sociais, suas condições de vida, suas assimetrias sociais, seus sentimentos e seus imaginários ligados à floresta e aos rios, e a partir dos quais o menino Alfredo vislumbra sua futura formação escolar na capital paraense; cidade esta que compõe o segundo cenário da obra.

Nesse segundo cenário, de natureza urbana, são os bairros centrais da capital que servem de referência espacial para a base analítica a que o autor se propõe a dar conta, especialmente a partir do quarto romance estudado: *Belém do Grão-Pará* (Jurandir, [1960] 2004). A Belém do momento histórico apresentado começa a viver o declínio da borracha. Nela, o autor apreende de Dalcídio Jurandir as aventuras de Alfredo já adolescente, aos doze anos, para quem a vida urbana é revelada em territórios socialmente distintos, e que Bolle identifica como sendo: o da classe média empobrecida (exemplificada pela família que hospeda Alfredo em Belém), o da classe dominante, o da classe operária e o da classe dos excluídos ou moradores das baixadas de Belém; estas que constituirão o terceiro cenário a ser explorado pelo autor a partir das outras obras analisadas.

Nesse terceiro cenário, são as mazelas da periferia e suas ricas sociabilidades que servem de referência analítica para Bolle a partir de cinco romances de Dalcídio Jurandir: *Passagem dos Inocentes* (Jurandir, [1963] 1984), *Primeira Manhã* (Jurandir, [1967] 2019b), *Ponte do Galo* (Jurandir, [1971] 2017), *Os Habitantes* (Jurandir, [1976] 2018b) e *Chão dos Lobos* (Jurandir, [1976] 2019c). Tida por Willi Bolle como a principal inovação temática de Dalcídio Jurandir – haja vista a superação do regionalismo tradicional nessas obras –, o autor problematiza a questão da pobreza e da vida cotidiana das baixadas, devidamente contextualizadas na formação socioespacial amazônica, quando então a ocupação dessas áreas, geomorfologicamente alagadas ou alagáveis, mas socialmente produzidas (Trindade Júnior, 1997), acentua um processo que se reconhece atualmente como sendo a primeira fase da metropolização de Belém e que a definiu, a partir da segunda metade do século XX, como uma metrópole compacta, em contraponto ao outro momento que sucede àquele primeiro, e que passaria a revelar um movimento mais acentuado de dispersão populacional e econômica na malha urbana expandida (Trindade Júnior, 2016).

A paisagem urbana, a reprodução social nas baixadas, o desencanto com a educação formal, o aprendizado cotidiano no ambiente da rua, a prostituição na cidade grande e a aposta na educação como meio de superação da pobreza, são algumas das questões que Bolle extrai da rica narrativa de Dalcídio Jurandir ao problematizar as mazelas urbanas e suas particularidades no quadro regional e, especialmente, em uma cidade decadente como Belém, dado o declínio da economia da borracha, mas, ao mesmo tempo, com perspectiva de futuro, vislumbrado pela dinâmica sinalizada para a Amazônia a partir do processo de sua integração ao restante do País.

Tais questões são muito bem mostradas por Bolle, seja no romance que tem os bairros centrais como principais cenários, seja naqueles outros cujo foco se volta para os bairros periféricos. Neles, a ideia de “topografia social” parece bem exposta quando são colocados em acento temas como a cidade dividida em territórios sociais; os limites espaciais e socioculturais entre centro e periferia; a ostentação e a decadência da vida urbana nos seus espaços públicos e em suas construções; as contradições espacializadas entre classes operárias e classes mais solváveis ou aparentemente solváveis; a proliferação de espaços de exclusão em suas diferentes expressões urbanas; a cidade de valores decadentes, de oportunismos políticos e de práticas ilegais; a presença de “elementos históricos retrógrados” em face da cidade “portadora de futuro”, de sonhos, de utopias e de horizontes sociais possíveis; a desagregação da história oficial pelo descortinamento de uma vida cotidiana nem sempre tão visível; a grafia social dos “topos”, dos lugares, tão bem composta, justaposta e superposta, e que dá sentido a uma cidade reconhecida na sua urbanidade conflitante e contraditória.

Por fim, o último cenário presente em *Boca do Amazonas* é representado pela pequena cidade de Gurupá, quando a narrativa volta à vida interiorana marajoara, acompanhando a trilha geográfica do autor analisado, que, após ter saído do Marajó e ter morado em Belém, retorna ao arquipélago para assumir um cargo público e, ao mesmo tempo, escrever seu último livro do “ciclo do extremo norte”: *Ribanceira* (Jurandir, 1978). O “romance fluvial”, dessa forma analisado, acompanha o próprio périplo do autor estudado (Marajó-Belém-Marajó).

Bolle, nesse momento, faz uma espécie de cotejo com a pesquisa de Charles Wagley (1977), que também estudou essa pequena cidade do ponto de vista etnográfico. Na narrativa, o personagem central do romance analisado, Alfredo, já com vinte anos, ao assumir um emprego público na cidade de Gurupá, desenvolve outras sociabilidades que servem de pressuposto para a análise da sociedade e da cultura em Dalcídio Jurandir na embocadura do Rio Amazonas.

Ainda que esse cenário seja comprimido em uma única obra, Bolle explora com maestria um outro aspecto da vida regional, a pequena cidade da embocadura do Amazonas, uma espécie de misto entre a vida mais rural do primeiro cenário e a vida mais urbana do segundo e do terceiro cenários. Na pequena cidade ribeirinha, que representa a volta de Alfredo já adulto ao Marajó, como nos demais romances, as falas dos personagens definem o protagonismo dos sujeitos amazônicos. Retomam-se aqui alguns

outros elementos já vistos sob alguns aspectos nos romances anteriores, mas exploram-se ainda outros extraídos do mundo literário dalcidiano: a cultura letrada e a cultura oral; os termos amazônicos em forma de glossário de uma cultura regional; o micropoder, representado pelos agentes da administração pública; os traços do coronelismo e do patriarcalismo movidos pelos interesses de acumular capital; as crenças, mitos, lendas e festas como parte da cultura local; e a denúncia da miséria e da penúria de sobrevivência mediada por mudanças e permanências.

Ao imergir na obra dalcidiana nesse “ciclo do extremo norte”, Bolle ressalta a importância desse autor sem necessariamente alçá-lo ao patamar daqueles outros que definem uma obra-prima da literatura universal; evitando-se, com isso, equiparações. Empreende, em vez disso, uma leitura que não o coloca sob a luz das premissas daquele tipo de literatura, assumindo como propósito de estudo sua vinculação efetiva às principais características de sua composição, ou seja, o romance realista documental e semidocumental; nesse caso, roteirizado por meio do *roman-fleuve* em torno da embocadura de um rio, que, inclusive, ajuda a nomear a obra de Bolle.

Relevante também se faz destacar os pontos que Bolle reconhece como centrais nos romances para o entendimento das relações sociais amazônicas e seus respectivos cenários, dentre os quais se tem: i) o espaço e o tempo como elementos históricos reais; ii) a perspectiva micro-histórica de um universo familiar e de suas interações; iii) o protagonista como observador participante; iv) a natureza da obra como “romance de formação” da sociedade e, ao mesmo tempo, assumido como um “romance social”; v) o elemento erótico como parte do enredo; vi) o mapeamento da sociedade por meio de seus personagens, de suas espacialidades e temporalidades; vii) o engajamento do autor com a causa dos pobres; viii) a construção de um glossário amazônico a partir dos diálogos e dos elementos da vida cotidiana e da geografia regional; ix) os sentimentos dos sujeitos e o imaginário amazônico expressos na narrativa confiada aos personagens; e x) a dimensão autorreflexiva do ciclo de uma obra tida e apresentada como sendo de ficção.

Ao longo dos romances analisados, Bolle destaca, ainda em Dalcídio, as relações de poder sob a perspectiva dos senhores e dos excluídos; a mediação entre a cultura letrada e a dos caboclos; as habitações e os habitats como observatórios da sociedade; a questão da qualidade da educação formal e sua relação com a posição social das pessoas; as subjetividades, sociabilidades e sensibilidades do indivíduo diante dos valores e ideários do

grupo e da sociedade que o rodeiam; a luta de classes e os conflitos familiares; a imagem edênica da Amazônia e de seus sujeitos e a sua desmontagem como retrato regional; bem como a presença da figura feminina e o olhar de vanguarda sobre as condições de gênero.

### 3 UMA OBRA NECESSÁRIA: CONTRIBUIÇÕES À COMPREENSÃO DE UM AUTOR E DE SUA REGIÃO

Através da obra *Boca do Amazonas*, Bolle desloca olhares para o espaço amazônico e nos sugere importantes pontos de reflexão sobre o “ciclo do extremo norte” de Dalcídio Jurandir, mas também sobre a Amazônia urbana e ribeirinha, tão presentes e tão marcantes na obra desse autor.

Isso porque, o livro chama a atenção para uma arquitetura literária, nem sempre tão perceptível à primeira vista e que dá coerência aos romances, vistos em conjunto, por meio de um ponto de conexão: o elemento hídrico. Este, e o bioma de que faz parte, manifestam-se em situações de presença e de ausência e que se passam em todos os cenários apresentados pelo escritor amazônico. As obras nos permitem conhecê-lo de perto, não simplesmente como um dado natural, mas envolvido por toda a sua aura histórica e cultural que o colocam como parte de uma socrionatureza presente nos trópicos úmidos. Esse reconhecimento na obra de Dalcídio revela, nos escritos de Bolle, sua concepção de história e de geografia, muito bem extraídos de sua narrativa por alguém que associa com perspicácia a crítica literária às demais ciências da humanidade.

A figura de um personagem central, protagonista da narrativa nas obras apresentadas, ganha uma pluralidade de vozes e de sujeitos na análise que Bolle faz nos romances do “extremo norte”. Mais que o personagem Alfredo, em *Boca do Amazonas* o protagonismo se transfigura em um sujeito coletivo, a sociedade amazônica, que, por sua vez, não existe sem suas temporalidades e suas espacialidades, conferindo e estendendo, *ipso facto*, a centralidade do personagem a uma região, muito bem conhecida por um autor que com ela se confunde.

No fundo, Alfredo é Dalcídio e Dalcídio somos todos nós, que viemos do interior da floresta, seja porque na região assumimos a condição de migrantes rural-urbanos, seja porque tivemos pais, avós, bisavós ou algum parente que fizeram trajetos semelhantes aos de Alfredo. Somos, assim, parte de uma história social que conosco se confunde e, por isso, com ela nos

identificamos e nos fazemos pertencentes de uma mesma região. A leitura da obra de Bolle nos possibilita espelhar perfeitamente esse tipo de identidade e de pertencimento. E isso acontece quando nos situamos, nos localizamos e etnograficamente nos georreferenciamos em sua topografia social, mas, igualmente, quando nos reconhecemos nas falas e nas histórias dos personagens contextualizados pelo autor a partir dos romances dalcidianos. O “*dictio-narium*” amazônico, por exemplo, de que fala Bolle, é algo vivo, se não totalmente no dia a dia da sociedade contemporânea amazônica, mas inegavelmente em nossas bem ou mal resguardadas memórias.

Para além da abordagem literária, a análise socioantropológica empreendida por Bolle nos retrata um Dalcídio como autor amazônico engajado, à frente do seu tempo, politicamente progressista, e que traduz em sua obra uma forma muito especial de denúncia e de fazer ciência social em uma perspectiva crítica, e que, por isso mesmo, precisa cada vez mais estar presente nos planos de cursos e bibliografias das ciências humanas e sociais. Nessa perspectiva, o livro *Boca do Amazonas* mostra a necessidade da obra de Dalcídio Jurandir compor também, como leitura obrigatória, a formação de profissionais da Geografia, da História, da Sociologia, da Antropologia, da Ciência Política e de outras ciências que estejam preocupadas com a topografia social e cultural do vasto e diversificado território brasileiro.

Por fim, não se pode deixar de mencionar o admirável esforço de Willi Bolle em conhecer profundamente mais um grande autor da literatura nacional. Com seu olhar de fora e de dentro, do Brasil e da Amazônia, não apenas emoldurou um retrato desse autor e de seus romances, mas também, para apreendê-lo da melhor forma possível, revisou e mobilizou grandes referências da literatura científica internacional, a exemplo de Walter Benjamin, Johann Goethe, Mike Davis, Fernand Braudel, Bertold Brecht, Charles Wagley etc., como também autores nacionalmente renomados, como Benedito Nunes, Alfredo Bosi, Antônio Rocha Penteado, Ernani Chaves, Boris Fausto, Milton Hatoum, dentre outros; sem esquecer de percorrer, todavia, a obra literária e científica de autores locais e regionais, como Edna Castro, Rosa Acevedo, Paulo Nunes, Auriléa Abelém, Zélia Amador de Deus, Eidorfe Moreira, Eliene Rodrigues, Gutemberg Guerra, Fábio Castro, bem como vários outros autores que problematizam questões e temas regionais.

Destaque especial merece ser dado, ainda, ao projeto desenvolvido por Willi Bolle com professores e alunos de escolas públicas da periferia de Belém sobre a leitura, a elaboração de roteiros cênicos e a representação teatral da obra de Dalcídio Jurandir. Trata-se de uma iniciativa muito rica e

louvável, que extrapola os muros institucionais da universidade e alcança um público mais do que necessário e prioritário. O relato de tal experiência tem um lugar especial na sua obra, justamente quando o autor em comento discute o segundo e o terceiro cenários do “romance fluvial” do escritor paraense; inserindo essa experiência de extensão universitária como parte de sua pesquisa e como parte de um dos capítulos de sua obra em que analisa o “ciclo do extremo norte”.

Trata-se, portanto, de uma obra que ajuda a ler Dalcídio, mas igualmente um empreendimento científico que estende a compreensão desse autor para além de seus romances. Assim concebida, *Boca do Amazonas* pode ser lida tanto antes de se mergulhar nos livros que compõem o “ciclo do extremo norte”, como também em momento posterior, quando o leitor cumpriu toda a leitura dos dez romances. Em qualquer um dos casos, é uma leitura necessária para amazônidas, que passam a se reconhecer na sociologia, na geografia, na história e na antropologia de Dalcídio, como também para leitores não amazônidas, especialmente para aqueles que, perseguindo um olhar descentrado do País e do mundo, buscam sair do Brasil midiático e superficial e imergir na topografia sociocultural e, especialmente, na literatura de um “Brasil profundo” ainda pouco conhecido.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Teoria do romance II: as formas do tempo e do cronotopo**. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2018.

BOLLE, W. **Fisiognomia da metrópole moderna: representação da história em Walter Benjamin**. 1. ed. São Paulo: EDUSP, 1994.

BOLLE, W. **grandesertão.br: o romance de formação do Brasil**. 1. ed. São Paulo: Duas Cidades: Editora 34, 2004.

BOLLE, W. Boca do Amazonas: Paulo Nunes entrevista Willi Bolle. [Entrevista cedida a] Paulo Nunes. **Revista Voz da Literatura**, [s. l.], p. 4-28, out. 2022. Disponível em: <https://www.vozdaliteratura.com/post/paulo-nunes-entrevista-willi-bolle>. Acesso em: 08 set. 2023.

CUNHA, E. **À margem da história**. São Paulo: Martins Fontes, [1909] 1999.

JURANDIR, D. **Ribanceira**. Rio de Janeiro: Record, 1978.

- JURANDIR, D. **Passagem dos inocentes**. 2. ed. Belém: Falangola, [1963] 1984.
- JURANDIR, D. **Belém do Grão-Pará**. Rio de Janeiro: Ed.ufpa, [1960] 2004.
- JURANDIR, D. **Marajó**. 4. ed. Belém: Ed.ufpa, [1947] 2008.
- JURANDIR, D. **Ponte do Galo**. 2. ed. Bragança: Pará.Grafo, [1971] 2017.
- JURANDIR, D. **Três casas e um rio**. 4. ed. Bragança: Pará.Grafo, [1958] 2018a.
- JURANDIR, D. **Os habitantes**. 2. ed. Bragança: Pará.Grafo, [1976] 2018b.
- JURANDIR, D. **Chove nos campos de Cachoeira**. 8. ed. Bragança: Pará.Grafo, [1941] 2019a.
- JURANDIR, D. **Primeira manhã**. 2. ed. Belém: EDUEPA, [1967] 2019b.
- JURANDIR, D. **Chão dos Lobos**. 2. ed. Bragança: Pará.Grafo, [1976] 2019c.
- PLATAFORMA LATTES. Stefan Wilhelm Bolle. **Plataforma Lattes – CNPq**, Brasília, DF, 2023. Currículo Lattes. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/0950366310938447>. Acesso em: 07 set. 2023.
- SPOSITO, E. S. (org.). **Glossário de Geografia Humana e Econômica**. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2018.
- TRINDADE JÚNIOR, S-C. C. **Produção do espaço e uso do solo urbano em Belém**. Belém: NAEA/UFPA, 1997.
- TRINDADE JÚNIOR., S-C. C. **Formação metropolitana de Belém (1960-1997)**. Belém: Paka-Tatu, 2016.
- WAGLEY, C. **Uma comunidade amazônica: estudo do homem nos trópicos**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.